

ORIENTAÇÕES PARA A INICIAÇÃO CRISTÃ E CATEQUESE DE ADULTOS

Introdução

O acompanhamento da fé dos adultos que, nas mais diversas situações e contextos, procuram iniciar, reiniciar, ou aprofundar a sua relação com Deus na Igreja, constitui um campo pastoral amplo e complexo. A ação da Igreja consiste em proporcionar as melhores condições para que cada pessoa percorra um caminho na fé que a conduza a uma vida cristã adulta, madura e responsável. A pluralidade de modos de catequização dos adultos é um dom inestimável que se deve manter e potenciar. Cada comunidade cristã é chamada a empenhar-se, cada vez mais, na evangelização dos adultos. O vasto e diverso campo da catequese com adultos reclama a definição de princípios básicos que o oriente.

I - O ENCONTRO COM JESUS CRISTO: FONTE DE SENTIDO PARA A VIDA

O encontro com Jesus Cristo e a sede de Deus

1. O encontro de Jesus com a samaritana, narrado pelo evangelista João, constitui um ícone da situação de cada vida humana (cf. *Jo* 4, 5-42). «Não há homem nem mulher que, na sua vida, não se encontre, como a mulher da Samaria, ao lado de um poço com uma ânfora vazia, na esperança de satisfazer o desejo mais profundo do coração, o único que pode dar significado pleno à existência»¹. Jesus senta-se à beira do poço e diz à mulher: «Dá-me de beber». A sua sede «estende-se muito para além da água física: é também sede de encontro, desejo de abrir diálogo com aquela mulher, oferecendo-lhe assim a possibilidade de um caminho de conversão interior. Jesus é paciente, respeita a pessoa que tem à sua frente, revela-Se-lhe progressivamente»². O encontro com Jesus transforma a vida da mulher samaritana, devolve-lhe a alegria e o significado de viver e transforma-a numa missionária. Ela sente-se impelida a

¹ *Mensagem final da XIII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, 26 de outubro de 2012*, in http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20121026_message-synod_po.html (acedido: 7 janeiro 2018).

² PAPA FRANCISCO, *Homilia nas Vésperas da Solenidade da Conversão de São Paulo Apóstolo*, [www.vaticana.va](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2015/documents/papa-francesco_20150125-vespri-conversione-san-paolo.html), in http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2015/documents/papa-francesco_20150125-vespri-conversione-san-paolo.html (acedido: 7 janeiro 2018).

comunicá-lo e corre ao encontro dos habitantes da cidade, dizendo-lhes: «Vinde ver um homem que me disse tudo o que eu fiz!» (Jo 4, 29).

A sede de Jesus transporta consigo o desejo de se encontrar com aquela mulher e de a conduzir à fé. Ele teve uma sede tão viva da sua fé que lhe concede o dom de acreditar, ao acender nela o fogo do amor divino³. À palavra de anúncio junta-se a interrogação que abre as portas da fé: «Não será Ele o Messias?» (Jo 4, 29).

Jesus vem, ainda hoje, ao encontro de cada homem e mulher com sede de saciar a sua vida. «A existência humana revela aspirações ilimitadas: busca de verdade, sede de amor, de justiça e de liberdade. Trata-se de desejos apenas parcialmente saciados, porque o homem, do fundo do seu próprio ser, é movido para um *mais*, um absoluto capaz de satisfazer definitivamente a sua sede. A resposta a estas aspirações é dada por Deus em Jesus Cristo, no seu mistério pascal»⁴. Jesus tem essa imensa capacidade de ler no fundo do nosso coração e de nos revelar a verdade do que somos.

Ele suscita no coração de cada pessoa o desejo de O procurar e de se deixar encontrar por Ele. Reconhecemos que, hoje, «há uma multidão de homens e mulheres, cansados e sedentos, que nos pedem, a nós cristãos, para lhes dar de beber. É um pedido a que não nos podemos subtrair»⁵. À semelhança de Jesus «também a Igreja sente que se deve sentar ao lado dos homens e mulheres deste tempo, para tornar presente o Senhor na sua vida, para que o possam encontrar, porque só o seu espírito é a água que dá a vida verdadeira e eterna»⁶. À semelhança da mulher Samaritana, também a Igreja é chamada a viver do encontro com Jesus e a testemunhar de forma autêntica tudo o que Ele faz. Cada cristão, em virtude do seu batismo, converte-se num discípulo-missionário e, por isso, capaz de conduzir à experiência pessoal do encontro com Jesus, na fé e no amor: «Já não é pelas tuas palavras que acreditamos; nós próprios ouvimos e sabemos que Ele é verdadeiramente o Salvador do mundo» (Jo 4, 49).

2. No coração humano está impresso o desejo de Deus que a Igreja é chamada a despertar e a acompanhar. «O desejo de Deus é um sentimento inscrito no coração do homem, porque o homem foi criado por Deus e para Deus. Deus não cessa de atrair o homem para Si e só em Deus é que o homem encontra a verdade e a felicidade que procura sem descanso [...]. Mas esta *relação íntima e vital que une o homem a Deus* pode ser esquecida, desconhecida e até explicitamente rejeitada pelo homem. Tais atitudes podem ter origens diversas: a revolta contra o mal existente no mundo, a ignorância ou a

³ Cf. MISSAL ROMANO, *Prefácio do terceiro domingo da Quaresma*, A. «Quando Ele pediu à samaritana água para beber, já lhe tinha concedido o dom da fé e da sua fé teve uma sede tão viva que acendeu nela o fogo do amor divino».

⁴ PAPA FRANCISCO, *Homilia nas Vésperas da Solenidade da Conversão de São Paulo Apóstolo*.

⁵ *Ibidem*.

⁶ *Mensagem final da XIII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, 26 de outubro de 2012*.

indiferença religiosas, as preocupações do mundo e das riquezas, o mau exemplo dos crentes, as correntes de pensamento hostis à religião e, finalmente, a atitude do homem pecador que, por medo, se esconde de Deus e foge quando Ele o chama. [...] Se o homem pode esquecer ou rejeitar Deus, Deus é que nunca deixa de chamar todo o homem a que O procure, para que encontre a vida e a felicidade. Mas esta busca exige do homem todo o esforço da sua inteligência, a retidão da sua vontade, *um coração reto*, e também o testemunho de outros que o ensinam a procurar Deus»⁷.

A Igreja de Lisboa reconhece e agradece, como sinal de grande esperança a sede de vida espiritual que atualmente se verifica. A «persistência desta inquietação assegura-lhe que permanece viva no coração humano a necessidade de transcendência e de sentido para a vida. [...] Profundamente interpeladora é a forma pela qual algumas pessoas, mesmo quando afastadas de uma regular prática cristã ou nem se considerando sequer cristãs, se voltam para a Igreja em busca de uma palavra que venha de Deus, de uma luz do Alto, de uma voz profética, de um gesto magnânimo, de um tempo de escuta ou, simplesmente, de um espaço de silêncio. Também nesta boa vontade e atitude dialogante se reconhece um sinal dos tempos que provoca e responsabiliza o testemunho eclesial»⁸.

Chamados a uma nova saída missionária

3. A nossa comunidade diocesana sente-se chamada a anunciar o Evangelho nas circunstâncias atuais. As transformações verificadas, nas últimas décadas, na relação entre o Evangelho e a cultura, reclamam da Igreja um novo ardor missionário e impõem-lhe novos modos de pensar e de testemunhar a Boa Nova de Jesus Cristo. Fiel ao mandato missionário de Jesus, a Igreja, guiada pelo Espírito, acredita que a mensagem evangélica constitui um tesouro perene que é chamada a oferecer a todos. Em tempos de nova evangelização, ela acolhe de forma renovada, o mandato missionário outrora confiado aos apóstolos: «Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado» (Mt 28, 19-20). Estes versículos contêm o mandato missionário de Jesus, confiado a toda a Igreja e definem-na na sua identidade de comunidade evangelizadora. «Evangelizar constitui, de facto, a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade»⁹.

A Igreja aceita o desafio de anunciar o Evangelho, na certeza de que Jesus Cristo é o único que pode saciar a sede de sentido que, de tantos modos, é hoje manifestada pelo ser humano. É à luz do mistério da pessoa de Jesus que «o mistério do homem se esclarece verdadeiramente... Cristo, novo Adão, na

⁷ *Catecismo da Igreja Católica*, Coimbra, Gráfica de Coimbra, 1993, nº 27,29,30.

⁸ D. MANUEL CLEMENTE, *Constituição Sinodal de Lisboa*, Lisboa, 2016, nº 10.

⁹ PAPA PAULO VI, *Exortação Apostólica Pós-Sinodal (Evangelii Nuntiandi)*, Lisboa, Editorial Apostolado da Oração, 1976, nº 14.

própria revelação do mistério do Pai e do seu amor, revela o homem a si mesmo e descobre-lhe a sua vocação sublime»¹⁰.

II - ESCUTAR A PESSOA E PROPOR FÉ

Uma Igreja que escuta

4. A Igreja é chamada a escutar a sede que habita o coração do homem desvelando-lhe a sua vocação sublime de ser filho de Deus: «a quantos o receberam, aos que nele crêem, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus» (Jo 1,12). Estando no mundo e partilhando com todos os homens e mulheres as suas alegrias e esperanças, tristezas e angústias (cf. GS 1), os discípulos de Jesus são chamados a exercitar a arte de escutar. Diz-nos o Papa Francisco: «Escutar, na comunicação com o outro, é a capacidade do coração que torna possível a proximidade, sem a qual não existe um verdadeiro encontro espiritual. Escutar ajuda-nos a individualizar o gesto e a palavra oportunos que nos desinstalam da cómoda condição de espectadores. Só a partir desta escuta respeitosa e compassiva é que se pode encontrar caminhos para um crescimento genuíno, despertar o desejo do ideal cristão, o anseio de corresponder plenamente ao amor de Deus e o anelo de desenvolver o melhor de quanto Deus semeou na nossa própria vida»¹¹. Esta personalização do gesto pressupõe que a arte da escuta se exercite dentro da história de cada pessoa e se situe no quotidiano da sua realidade. Escutar implica acolher o outro realmente como é, sem constrangimentos nem julgamentos, praticando a verdadeira hospitalidade. Porque nem sempre é fácil discernir os sinais da procura de Deus presentes na vida de cada pessoa, que até podem ser contraditórios face à experiência cristã dos batizados, a escuta dos outros exige purificação e humildade, como recomenda o Apóstolo Paulo: «Àquele que é fraco na fé, acolhei-o, sem cair em discussões sobre as suas maneiras de pensar» (Rom 14, 1).

Os desafios da vida adulta

5. A vida adulta constitui uma etapa fundamental da existência humana e, por isso, também um momento determinante para o acesso à fé. É na vida adulta que o ser humano vive experiências significativas que o podem abrir ao sentido profundo da vida e à tomada de decisões maduras: a realização pessoal no trabalho e a incerteza quanto ao futuro; a decisão de constituir uma família,

¹⁰ CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Constituição Pastoral (Gaudium et Spes)*, in *Concílio Ecuménico Vaticano II: constituições, decretos, declarações e documentos pontifícios*, Editorial Apostolado da Oração, ¹¹1992: nº 22.

¹¹ PAPA FRANCISCO, *Exortação Apostólica Pós-Sinodal (Evangelii Gaudium)*, Lisboa, Paulinas, 2013, nº 171.

com todos os riscos que isso pressupõe, nos dias de hoje; a experiência dolorosa dos próprios limites e fracassos face ao mundo da competição e da eficácia; o relativismo moral e existencial que provoca grandes questionamentos acerca do sentido da vida e a vivência do sofrimento e da morte como realidades que põem em causa os próprios investimentos e as opções fundamentais. O adulto vive numa incessante procura da própria identidade, na busca constante de uma definição de si mesmo, diante de uma oferta cultural que a pretende dispersar e fragmentar.

Existem inúmeras situações de abertura à fé na vida adulta. Constatase uma sede de espiritualidade que, para muitos batizados, corresponde à persecussão de itinerários crentes que se afastam da tradição cristã. Os contactos ocasionais com a Igreja, por ocasião da celebração dos sacramentos ou das expressões da religiosidade popular, podem proporcionar ocasiões de despertar para o sentido de Deus. Igualmente o pedido do Batismo dos filhos ou a própria celebração do Matrimónio podem constituir momentos de redescoberta da fé. As experiências de voluntariado e de serviço aos outros, os debates em torno do interesse cultural do cristianismo, ou da crítica a que é sujeito, constituem, igualmente, preâmbulos para a fé. O estilo fraterno do viver cristão e a atenção dos crentes às situações que vivem os seus irmãos de vizinhança podem ajudá-los a fazer a experiência da proximidade de Deus.

O convite à conversão

6. «Completo-se o tempo e o Reino de Deus está próximo: arrependei-vos e acreditai no Evangelho» (Mc 1, 15). A Igreja é chamada a fazer ressoar, nos dias de hoje, este convite de Jesus. Da escuta atenta da vida de cada pessoa nasce a proposição da fé que inclui o desafio da conversão. A atenção aos desafios da vida adulta não podem limitar-se a um respeito pelas opções individuais de cada um. Ela exige o anúncio explícito da Palavra de Deus, que dá sentido a todas as realidades humanas e lhes pode abrir horizontes novos. A própria valorização da experiência humana constitui um dos pontos essenciais para um anúncio fecundo do Evangelho. Aí, a Palavra ressoa com um «apelo à conversão, à adoração, a atitudes concretas de fraternidade e serviço, etc.» (EG 155).

A situação cultural atual acentua o carácter singular da opção de fé, em dois níveis. Em primeiro lugar, acreditar não é mais fruto de uma âmbiência sociológica imposta pelo ambiente vital do ser humano. Por outro lado, a fé propõe-se, hoje mais do que nunca, à individualidade da pessoa, o que pressupõe uma adesão a Jesus Cristo que contraria os interesses e valores mais difundidos. Acreditar requer uma opção radical cujo dinamismo se encontra, precisamente, na conversão que é fruto de uma primeira adesão ao amor salvífico de Deus em Jesus Cristo e que se prolonga no processo de crescimento da fé.

III - ANUNCIAR O EVANGELHO DA ALEGRIA

A Igreja anuncia o Evangelho da alegria

7. Jesus Cristo, o ungido do Pai, é, por excelência, o evangelizador da alegria, daquela alegria completa que permanece e que nada nem ninguém nos pode tirar (cf. Jo 15, 11). A sua vida e missão estão marcadas por uma fidelidade ao Espírito do Senhor que O envia a «anunciar a Boa-Nova aos pobres, a proclamar a libertação aos cativos e, aos cegos, a recuperação da vista; a mandar em liberdade os oprimidos, a proclamar um ano favorável da parte do Senhor» (Lc 4, 18-19). Jesus é o Evangelho de Deus em pessoa; as suas palavras e obras constituem a notícia mais surpreendente alguma vez anunciada sobre a terra: «Tanto amou Deus o mundo, que lhe entregou o seu Filho Unigénito, a fim de que todo o que nele crê não se perca, mas tenha a vida eterna» (Jo 3, 16). A sua entrega e obediência até à morte na cruz revelam a expressão máxima desse amor que salva, que redime o pecado e sela a nova aliança entre Deus e a humanidade. Por isso Deus exaltou-O, ressuscitando-O de entre os mortos e «estabelecendo-O como Senhor e Messias» (At 2, 36).

Depois da sua Páscoa, é como ressuscitado que Jesus envia os seus discípulos, por todo o mundo, a «anunciar o Evangelho a toda a criatura» (Mc 16,15). O mesmo Espírito presente em Jesus desce agora sobre a Igreja e transforma-a em comunidade missionária. Animados pelo Espírito, os discípulos «partindo, foram pregar por toda a parte; o Senhor cooperava com eles, confirmando a Palavra com os sinais que a acompanhavam» (Mc 16, 20). Confiados no seu mandato evangelizador e na sua promessa de estar sempre com eles, «os discípulos partiram pelo mundo inteiro para anunciar a Boa Nova, fundando, por toda a parte, comunidades cristãs»¹².

A força evangelizadora do primeiro anúncio

8. Segundo a narrativa do Livro dos Atos, o dia de Pentecostes, intimamente ligado ao dom do Espírito na Páscoa de Jesus, marca o início oficial da pregação cristã. Até então, o medo e a insegurança tinham-se apoderado dos discípulos e nem mesmo a firme certeza da ressurreição de Jesus Cristo os impelia a sair. É o fogo do Espírito que os transforma em arautos e profetas do Evangelho da alegria. No dia de Pentecostes, Pedro dirige um longo discurso aos judeus e a quantos se encontravam em Jerusalém que é, no final, sintetizado numa mensagem forte e apelativa: «Deus estabeleceu como Senhor e Messias a esse Jesus por vós crucificado» (At 2, 36). Trata-se do *querigma*, o anúncio

¹² BENTO XVI, *Homilia do Papa Bento XVI na abertura da XIII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos*, in http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2012/documents/hf_ben-xvi_hom_20121007_apertura-sinodo.html (Acedido: 23 agosto 2016).

fundamental e basilar da fé cristã. Neste e noutros textos dos Atos (cf. At 3, 12-26; 4, 9-12; 5, 29-32; 10, 34-43; 13, 16-41) está presente uma estrutura indicativa do anúncio primitivo: 1) a centralidade do Mistério Pascal: a morte e a ressurreição de Jesus como sinal de salvação; 2) a interpretação deste acontecimento à luz das escrituras; 3) o apelo à conversão e à fé.

No Novo Testamento, porém, os primeiros testemunhos querigmáticos aparecem em textos de Paulo, concretamente na Primeira Carta aos Coríntios: «Transmiti-vos, em primeiro lugar, o que eu próprio recebi: Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras; foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras» (1 Cor 15, 3-4). Tanto nas formas mais concisas, como nos hinos litúrgicos, Paulo apresenta o *querigma* referindo-se ao plano de Deus e à condição divina de Cristo; ao drama da sua humilhação e morte na cruz e à sua exaltação e glorificação (cf. Fil 2, 6-11; Ef 1, 3-10).

O *querigma*, feito com grande entusiasmo e com um forte enfoque testemunhal, constitui o meio principal do Espírito Santo para favorecer a resposta humana da conversão. Neste sentido, compreende-se que ele seja também chamado de *primeiro anúncio*, não apenas num sentido cronológico, na medida em que se situa no início da adesão à fé cristã, mas em «sentido qualitativo, porque é o anúncio principal, aquele que sempre se tem de voltar a ouvir de diferentes maneiras e aquele que sempre se tem de voltar a anunciar» (EG 164). «Nada há de mais sólido, mais profundo, mais seguro, mais consistente e mais sábio que esse anúncio. Toda a formação cristã é, primariamente, o aprofundamento do *querigma*» (EG 165). Deste modo, os evangelizadores de hoje são chamados a anunciar a notícia de salvação: «Jesus Cristo ama-te, deu a sua vida para te salvar, e agora vive contigo todos os dias para te iluminar, fortalecer, libertar» (EG 164).

9. «Evangelizar constitui a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade» (EN 14). A Igreja é evangelizadora por natureza; por isso, evangelizar não é algo que se faz, mas que se é. Consciente da boa nova manifestada em Jesus Cristo, a Igreja evangeliza porque sabe que este é o melhor presente que pode oferecer à humanidade: a salvação pela fé em Jesus Cristo. N'Ele, «Filho de Deus feito homem, morto e ressuscitado, a salvação é oferecida a todos os homens, como dom da graça e da misericórdia do mesmo Deus» (EN 27).

O atual contexto cultural reclama em muitas situações a necessidade de um primeiro anúncio do Evangelho¹³. Conscientes de que o Espírito Santo nos precede e trabalha o coração para nos mover à conversão, as atitudes de diálogo, de proximidade e acolhimento podem criar condições de disponibilidade para escutar o Evangelho. À semelhança de Jesus, que pela Sua Encarnação se situou no meio de nós, também os crentes são chamados a pôr-se a caminho com os outros, criando oportunidades de encontro. Como os

¹³ Cf. D. MANUEL CLEMENTE, *Constituição Sinodal de Lisboa*, nº 2.

discípulos de Emaús, com os olhos impedidos de reconhecer a presença de Deus nas suas vidas, os homens e mulheres do nosso tempo clamam por alguém que lhes pergunte: «Que palavras são essas que trocáis entre vós, enquanto caminhais?» (Lc 24, 14). Esperam também que os escutemos e acolhamos a sua perplexidade, as suas dúvidas e desilusões que muitas vezes nos implicam diretamente. Neste âmbito, o testemunho de vida pessoal e a comunhão comunitária constitui um importante fator de credibilidade da mensagem cristã e pode despertar o desejo de ser cristão. «Que esta comunhão tinha e tem um enorme potencial evangelizador e atrativo, pode ver-se na primeira comunidade de Jerusalém: porque todos os que haviam abraçado a fé viviam unidos e tinham tudo em comum (...), todos os dias frequentavam o templo, como se tivessem uma só alma, e partiam o pão em suas casas (...), por isso gozavam da simpatia de todo o povo, e o Senhor aumentava todos os dias o número dos que deviam salvar-se (At 2, 44-47)»¹⁴.

O primeiro anúncio exige a apresentação explícita de Jesus Cristo como Salvador. De facto, «não haverá nunca evangelização verdadeira se o nome, a doutrina, a vida, as promessas, o reino, o mistério de Jesus de Nazaré, Filho de Deus, não forem anunciados» (EN 22). Como Jesus no caminho de Emaús, também a Igreja se compreende como intérprete da vida daqueles que acompanha, fazendo ressoar neles a mensagem evangélica que ilumina a existência e faz arder o coração (Lc 24, 25-27). A apresentação da Palavra de Deus, seja pela leitura de algum versículo ou de modo narrativo, deve sempre recordar o anúncio fundamental: «o amor pessoal de Deus que Se fez homem, entregou-Se a Si mesmo por nós e, vivo, oferece a sua salvação e a sua amizade. É o anúncio que se partilha com uma atitude humilde e testemunhal de quem sempre sabe aprender, com a consciência de que esta mensagem é tão rica e profunda que sempre nos ultrapassa. Uma vez exprime-se de maneira mais direta, outras através dum testemunho pessoal, uma história, um gesto, ou outra forma que o próprio Espírito Santo possa suscitar numa circunstância concreta» (EG 128).

Um anúncio que visa a fé em Jesus Cristo

10. O anúncio querigmático visa suscitar, sustentar e acompanhar a adesão da fé. Acreditar é um ato pelo qual nos entregamos «total e livremente a Deus oferecendo-Lhe o obséquio pleno da inteligência e da vontade e prestando voluntário assentimento à Sua revelação» (DV 5). Gerada pelo anúncio, a fé é, ao mesmo tempo, dom da graça e acolhimento humano que desafia e interpela, dá esperança e infunde coragem. Como resposta à Palavra de Deus, a fé é uma atitude fundamental global que reclama um envolvimento e tomada de posição pessoais. Porque inserida no dinamismo da conversão, a fé conduz-nos a uma novidade radical, a uma transformação à qual nos abrimos no amor. «Na fé, o

¹⁴ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Catequese: A alegria do encontro com Jesus Cristo*, Moscavide, Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, 2017, nº 10.

eu do crente dilata-se para ser habitado por um Outro, para viver num Outro, e assim a sua vida amplia-se no Amor. É aqui que se situa a ação própria do Espírito Santo: o cristão pode ter os olhos de Jesus, os seus sentimentos, a sua predisposição filial, porque é feito participante do seu Amor, que é o Espírito; é neste Amor que se recebe, de algum modo, a visão própria de Jesus. Fora desta conformação no Amor, fora da presença do Espírito que o infunde nos nossos corações (cf. *Rm* 5, 5), é impossível confessar Jesus como Senhor (cf. *1 Cor* 12, 3)»¹⁵.

IV - INICIAR O CAMINHO DA FÉ

O dinamismo da fé cristã

11. O dinamismo da fé cristã implica uma relação progressiva e harmoniosa entre a conversão pessoal, atitude livre e comprometida da pessoa, baseada na confiança, e o aprofundamento do significado da opção da fé na globalidade da Revelação e proposta cristãs. Explicitando a complementaridade da fé nestas duas dimensões, o Diretório Geral da Catequese refere que «como adesão a Deus que se revela, dada sob a influência da graça, a fé consiste em confiar na Palavra de Deus e em abandonar-se a esta (*fides qua*); como conteúdo da Revelação e da mensagem evangélica, a fé exprime-se no empenho em conhecer sempre melhor o sentido profundo daquela Palavra (*fides quae*) (cf. DGC 92). O processo de adesão a Jesus Cristo envolve a pessoa na sua totalidade, tem em conta a sua situação existencial, engloba as diversas dimensões da fé (cognitiva, afetiva e ativa) e é um caminho de seguimento de Jesus Cristo que, partindo de uma conversão inicial, tem em vista a maturidade da fé. O caminho da iniciação cristã, nas suas diferentes etapas e momentos, torna-se o paradigma para a vida cristã visto que acompanha o dinamismo próprio da fé, mediante o qual alguém convertido à fé é levado, não só à confissão da fé batismal, como à maturidade da conversão e da fé (cf. DGC 59; CalC 1248).

A iniciação cristã dos adultos

12. O Ritual de Iniciação Cristã dos Adultos (RICA) apresenta, no contexto da tradição da Igreja, o caminho de conversão ao Evangelho e de crescimento na fé destinado aos que desejam ser cristãos. «Desde o tempo dos Apóstolos que tornar-se cristão requer um caminho e uma iniciação com diversas etapas. Este itinerário pode ser percorrido rápida ou lentamente. Mas deverá, sempre, incluir certos elementos essenciais: o anúncio da Palavra, o acolhimento do Evangelho que implica a conversão, a profissão de fé, o Batismo, a efusão do Espírito Santo, o acesso à comunhão eucarística» (CalC 1229). «Em todos os

¹⁵ PAPA FRANCISCO, *Carta Encíclica (Lumen Fidei)*, Prior Velho, Paulinas, 2013, nº 21.

ritos latinos e orientais, a iniciação cristã dos adultos começa com a sua entrada no catecumenado, para atingir o ponto culminante na celebração única dos três sacramentos, Batismo, Confirmação e Eucaristia» (CaIC 1233). Seguindo as indicações do RICA e das normas diocesanas em vigor, o itinerário catecumenal dos adultos inspira-se nos seguintes princípios¹⁶:

- a) A iniciação cristã, pelo catecumenado, tem como horizonte a vida cristã que nasce do Sacramento celebrado e não a celebração dos Sacramentos.
- b) O itinerário para se tornar cristão valoriza o caminho de cada pessoa, a maturidade das suas atitudes e a sua pertença à comunidade cristã, não estando determinado por um calendário pré-estabelecido.
- c) Atendendo à diversidade de percursos espirituais, ao contexto específico de cada pessoa e à realidade da sua condição «adulta», sugere-se a melhor adequação dos percursos a esses fatores.
- d) O caminho catecumenal envolve diversos protagonistas no acompanhamento dos catecúmenos, nomeadamente os catequistas, o pároco, os garantes, os padrinhos e, quanto possível, toda a comunidade cristã.
- e) É um percurso global, ao mesmo tempo progressivo e gradual, que visa a prática da vida cristã e o seguimento de Jesus Cristo.
- f) Estão previstos ritos de passagem e celebrações, nomeadamente a celebração dos Sacramentos da Iniciação Cristã.
- g) A catequese catecumenal coloca no centro do seu anúncio a pessoa de Jesus Cristo e promove o seu conhecimento através da Sagrada Escritura, concretamente dos Evangelhos, e a integração na vida da comunidade cristã.
- h) O itinerário catecumenal põe em relevo a prática tradicional de não se administrar indiscriminadamente os Sacramentos de Iniciação sem assegurar os requisitos de uma adequada preparação.

As etapas do catecumenado

13. A iniciação cristã dos adultos «deve prolongar-se, se for necessário, por vários anos, antes de se aproximarem dos sacramentos, distribuindo-se por diversos degraus e tempos com seus ritos próprios» (RICA, 307). Os tempos são: a evangelização ou pré-catecumenado, o catecumenado, a purificação quaresmal, a celebração dos sacramentos de iniciação cristã e a mistagogia. Os degraus são: a admissão ao catecumenado, a eleição ou chamada ao batismo, a celebração dos sacramentos de iniciação cristã, ou seja, o Batismo, a Confirmação e a Eucaristia. Segundo as normas diocesanas em vigor, o catecumenado dos adultos segue os tempos e os degraus previstos no Ritual:

¹⁶ *Ritual de Iniciação Cristã dos Adultos*, Coimbra: Gráfica de Coimbra 1996². (RICA)

- «O pré-catecumenado é um tempo de evangelização e de anúncio de Jesus Cristo e da Igreja, em ordem a aprofundar os motivos de pedido dos sacramentos da iniciação cristã.
- O catecumenado, tempo de catequese e de iniciação à vida da Igreja. A entrada no catecumenado será comunicada ao sector da catequese da Cúria diocesana. Os catecúmenos são registados em livro próprio, em modelo aprovado. O catecumenado durará o tempo considerado necessário e termina com o rito da *eleição*.
- Tempo da purificação e da iluminação, que medeia entre a eleição e a celebração, destinado à preparação imediata para o mistério pascal e preparação para a celebração sacramental»¹⁷.

O tempo da evangelização e do pré-catecumenado

14. O tempo que precede o catecumenado, conhecido por evangelização ou pré-catecumenado, refere-se aos inícios da fé. A ele pertence por excelência a realização da vocação essencial da Igreja evangelizadora: «Evangelizar constitui, de facto, a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade. Ela existe para evangelizar» (EN 14). A Igreja é chamada a despertar e a acolher a fé inicial dos que mostram alguma disponibilidade para aderir ao Evangelho. As formas de diálogo cultural, nos mais diversos contextos, constituem oportunidades para criar uma predisposição para a fé. Muitas vezes, é do diálogo e do convívio com os crentes, da força do seu testemunho e da coerência da sua vida, que nascem oportunidades para alguém se dispor a empreender um caminho de seguimento de Jesus. Depois de um acolhimento cordial, acontece «a primeira evangelização em que é anunciado com firmeza e constância o Deus vivo e Aquele que Ele enviou para a salvação de todos, Jesus Cristo, de modo que os não cristãos, movidos pelo Espírito Santo que lhes abre o coração, abracem a fé e se convertam ao Senhor, em adesão sincera àquele que, sendo o caminho, a verdade e a vida, é capaz de satisfazer todos os seus anseios espirituais e até de infinitamente os superar» (RICA 9).

A duração desta etapa pode estender-se por um tempo mais ou menos longo, segundo a condição espiritual dos candidatos. Implica um primeiro contacto com a comunidade cristã, seja no grupo catecumenal, seja pela relação com o pároco, catequistas e garantes. É, em si, um tempo de escuta da sede que habita o coração daqueles que procuram Jesus Cristo.

A admissão ao catecumenado

15. O primeiro degrau do itinerário catecumenal é o rito de admissão ao catecumenado, através do qual aqueles que manifestam à Igreja a vontade de se tornar seus membros são publicamente acolhidos. Esta é uma celebração

¹⁷ J. POLICARPO, *A celebração dos Sacramentos e Sacramentais*, nº 46.

com a qual a Igreja notifica a recepção dos candidatos e significa a sua primeira consagração (cf. RICA 14).

Antes do rito de admissão está previsto um juízo sobre a idoneidade dos candidatos. «Compete aos pastores, auxiliados pelos *garantes*, catequistas e diáconos, julgar dos indícios externos destas disposições» (RICA 16). Pelo caminho percorrido com eles e pelo que já testemunharam, os *garantes* têm a grave responsabilidade de atestar diante da comunidade cristã a idoneidade dos candidatos. Para se ser admitido ao rito de admissão requer-se a assimilação dos primeiros elementos da vida espiritual e da doutrina cristã: uma fé inicial, um começo da conversão, da vontade de mudar de vida e de estabelecer uma relação pessoal com Deus em Jesus Cristo; um primeiro sentido da penitência e uma prática inicial da vida de oração; uma primeira experiência da comunidade e da vivência cristã (cf. RICA 15). Requer-se nesta avaliação uma atenção especial às motivações e às razões que levam alguém a pedir o Batismo e aos traços de uma conversão inicial. Convém que estes critérios de avaliação possam ser concretizados e propostos à pessoa, com clareza e verdade.

A celebração da admissão «far-se-á em dias determinados, no decurso do ano» (RICA 69) com a participação da comunidade cristã (cf. RICA 70). Prevê o acolhimento dos candidatos à porta da Igreja, o sinal da cruz na testa e nos sentidos e, se for considerado útil, a imposição de um nome cristão. A celebração prossegue com a introdução dos catecúmenos na Igreja, com a liturgia da Palavra e a possível entrega dos Evangelhos e da cruz; termina com as preces pelos catecúmenos e com a sua despedida. Depois da celebração deve fazer-se o registo, no livro dos catecúmenos, dos nomes dos candidatos, do ministro, dos *garantes*, do dia e local em que se celebrou este rito.

O rito de admissão ao catecumenado é a primeira etapa litúrgica da iniciação. Os candidatos integram o grupo dos catecúmenos e são considerados cristãos, ainda que de modo imperfeito, e já pertencem à Igreja. «A partir deste momento, os catecúmenos que a Mãe Igreja agora trata como seus com todo o amor e carinho e que a ela ficam ligados, passam a fazer parte da casa de Cristo» (RICA 18).

O tempo do catecumenado

16. Com o rito de admissão inicia-se o catecumenado. Este é um tempo de conhecimento orgânico e sistemático da fé e de autêntico tirocínio da vida cristã, durante o qual os catecúmenos crescem na experiência do amor de Deus e tomam consciência de que são chamados a responder ao Senhor. Este tempo de formação cristã estende-se desde a entrada em catecumenado à celebração do rito de eleição. É um período bastante extenso que «deverá prolongar-se o tempo necessário para que a sua conversão e a sua fé possam adquirir a conveniente maturidade e até, se for necessário, por vários anos» (RICA 98). A sua duração depende da graça de Deus, do empenho do candidato, da

organização dos encontros, do trabalho dos catequistas e garantes e da ajuda da comunidade cristã.

Os catecúmenos devem ser «iniciados nos mistérios da salvação, na prática dos costumes evangélicos e nos ritos sagrados que a seu tempo se hão-de celebrar», «na vida de fé, na vida litúrgica e na vida de caridade do povo de Deus» (RICA 98). Vias comuns para alcançar esta iniciação são as catequese, as experiências de vida cristã, as celebrações e o testemunho apostólico.

17. O catecumenado é tempo de catequese. Esta deve seguir o ritmo do ano litúrgico e acontecer em ambiente de uma celebração da Palavra. Ela «leva os candidatos a uma conveniente instrução sobre os dogmas e preceitos, e a um conhecimento íntimo dos mistérios da salvação que desejam aplicar à sua vida» (RICA 19,1).

É tempo de exercício diário da vida cristã mediante o qual os catecúmenos realizam um autêntico caminho espiritual através da oração e do testemunho da fé, de uma procura autêntica do seguimento de Cristo e da configuração com Ele na prática do amor fraterno e na conversão da mentalidade e dos costumes (RICA 19,2).

É um tempo de experiência litúrgica. Os catecúmenos são ajudados no seu caminho de purificação e de conversão, através de celebrações da Palavra, adaptadas aos tempos litúrgicos ou aos temas aprofundados, orações de exorcismo, bênçãos particulares, participação na liturgia da Palavra e da celebração do rito da unção com óleo dos catecúmenos (cf. RICA 19, 3; 100-103). Por fim, é o tempo das primeiras experiências de vida apostólica e missionária. Pelo testemunho e profissão de fé, os catecúmenos começam a colaborar ativamente na evangelização e na edificação da comunidade cristã (cf. RICA 19,4).

O catecumenado constitui o tempo de uma catequese progressiva, orgânica e sistemática. A instrução catecumenal deve ser uma exposição essencial e integral da mensagem cristã. A sua finalidade é conduzir os catecúmenos não só a um conveniente conhecimento das verdades fundamentais da fé cristã, mas promover um verdadeiro discipulado de Cristo, através da conversão da vida e da mentalidade.

Para uma ação catequética eficaz e unitária é necessário um programa orgânico de formação, fundado na Sagrada Escritura e nas demais fontes da vida eclesial, Liturgia, Magistério, Patrística e Espiritualidade. Fonte inspiradora deste percurso será sempre o Catecismo da Igreja Católica.

Para um aprofundamento frutuoso da Palavra sugere-se que a catequese se faça ordinariamente num pequeno grupo, constituído pelos catecúmenos, catequistas, outros fiéis e, se possível, o garante e padrinhos. O caminho em grupo será enriquecido com um acompanhamento individual de cada um dos candidatos.

18. No crescimento espiritual dos catecúmenos é de fundamental importância o acompanhamento da comunidade eclesial. Como recorda o decreto sobre a atividade missionária, a «iniciação cristã realizada no catecumenado deve ser obra não apenas dos catequistas ou sacerdotes, mas de toda a comunidade dos fiéis» (AG 14).

De facto, a comunidade eclesial sustenta os catecúmenos com o «alimento da Palavra de Deus» e «os auxílios da liturgia» (RICA 18), com o apostolado e o espírito comunitário dos cristãos, com o testemunho e a hospitalidade, com a oração e a participação ativa nas celebrações, sobretudo daqueles que mais diretamente estão empenhados na iniciação cristã dos catecúmenos, os presbíteros, diáconos, catequistas, garantes, padrinhos, amigos e familiares (cf. RICA 41.105).

A eleição e inscrição do nome

19. A celebração da eleição ou chamamento decisivo por parte da Igreja, sinal da escolha e do chamamento de Deus, e da inscrição do nome dos catecúmenos no livro dos eleitos, sinal da sua resposta, conclui o tempo do catecumenado. A eleição faz-se, habitualmente, no primeiro domingo da quaresma e é presidida pelo Bispo diocesano ou por alguém delegado por ele. Depois da liturgia da Palavra, os candidatos são apresentados ao Bispo, para que ele os «eleja» para o batismo, e, deste modo, eles próprios inscrevam o seu nome no «livro dos eleitos» (RICA 22). A celebração da eleição constitui «o momento decisivo de todo o catecumenado» (RICA 23) e é o acontecimento central da atenta solicitude da Igreja para com os catecúmenos (cf. RICA 135). A partir deste momento, o candidato adquire o nome de «eleito».

Antes do rito é necessária a verificação da idoneidade dos candidatos. Para esta avaliação é necessário verificar-se a liberdade e maturidade das motivações dos candidatos, a envolvimento comunitária e o juízo dos ministros competentes e, ainda, os frutos concretos que se manifestam pelas obras. Estas condições estão presentes na forma ritual da celebração da eleição ou inscrição do nome. Antes de mais, destaca-se a importância do ministério do bispo como garante máximo da fé. Salienta-se, por outro lado, a figura dos padrinhos que, publicamente, exercem pela primeira vez o seu ministério e de outros membros da comunidade cristã.

O tempo da purificação e da iluminação

20. Com o rito de eleição inicia-se o tempo da purificação e da iluminação, um período de preparação imediata para a celebração dos sacramentos de iniciação que coincide com a última quaresma do percurso catecumenal. Este é tempo destinado «a preparar mais intensivamente o espírito e o coração dos candidatos» (RICA 22). É um caminho em que, tanto os eleitos como a «comunidade local, entram em recolha espiritual, em ordem à preparação para as festas pascais e à iniciação pelos sacramentos» (RICA 152).

Durante este tempo faz-se uma preparação espiritual mais intensa, composta por reflexão e oração, purificação do coração e revisão de vida, penitência e jejum, ritos e celebrações. Tem a duração de quarenta dias, como o retiro de Jesus no deserto e aquele que a Igreja faz anualmente na preparação da Páscoa.

21. Nos III, IV e V domingos da quaresma têm lugar os escrutínios, celebrações que têm como objetivo «pôr a descoberto o que no coração dos eleitos possa haver de fraqueza, enfermidade ou malícia, para que seja curado, e o que há de bom, válido e santo, a fim de o fortalecer» (RICA 25,1). Na celebração dos escrutínios pede-se ao Pai que aqueles que já fizeram a experiência da tentação e do pecado sejam purificados e preservados de todos os males, ao longo de toda a sua vida (cf. RICA 339).

É neste tempo que se realizam as tradições, «pelas quais a Igreja entrega aos eleitos os antiquíssimos documentos da fé e da oração - o Símbolo e a Oração dominical» (RICA 25, 2). O Credo proclama as maravilhas que Deus realizou para a salvação da humanidade. Este depósito da fé, transmitido pelos apóstolos e custodiado pela Igreja é, agora, entregue ao eleito como dom gratuito para que o venha a professar no seio da comunidade eclesial. A oração do Pai Nosso, ensinada por Cristo aos seus discípulos, desperta os eleitos para reconhecerem a nova condição filial que receberão pelo Batismo.

No sábado santo fazem-se os ritos imediatamente preparatórios da Redição do Símbolo, do *Effatha* e, eventualmente, a unção com o óleo dos catecúmenos. (cf. RICA 193-202; 26,2).

Durante o tempo da purificação e da iluminação, a comunidade cristã sente-se particularmente próxima dos eleitos, pois o que significa para estes a adesão à fé cristã pela conversão em ordem ao batismo, representa para o conjunto dos fiéis um tempo de revisão de vida, em ordem à renovação das promessas batismais (cf. RICA 41,1).

Os sacramentos de iniciação

22. A iniciação cristã completa-se na Vigília Pascal com a celebração unitária dos Sacramentos do Batismo, da Confirmação e da Eucaristia (cf. RICA 8).

Depois da liturgia da luz e da palavra, que apresenta as grandes etapas da história da salvação, simbolicamente experimentada no Batismo, faz-se a bênção da água. Os eleitos renunciam a Satanás e professam a fé em Deus Pai, Filho e Espírito Santo. Por meio da água morrem para o pecado e renascem, como filhos de Deus, para uma vida nova sendo agregados ao seu povo.

Recebem, com a imposição das mãos e a unção do crisma, o Espírito Santo que os consagra e fortifica para cumprirem a missão profética, sacerdotal e real de Cristo e da Igreja.

Por fim, participam na oferta do sacrifício de Cristo, juntamente com todo o povo de Deus, oferecendo-se a si mesmos como primícias na humanidade

redimida e comungam o Corpo e Sangue de Cristo pelos quais anunciam ao mundo a ressurreição do Senhor (cf. 1 Cor 11,26).

O tempo da mistagogia

23. Com a celebração dos Sacramentos da Iniciação Cristã inaugura-se o tempo da mistagogia. Este é um tempo que visa uma maior integração na vida eclesial e um reforço do testemunho cristão por parte dos neófitos. Nele se «aprofunda mais o mistério pascal e se procura traduzi-lo cada vez mais na vida pela meditação do evangelho, pela participação na Eucaristia e pelo exercício da caridade» (RICA 37). A vida sacramental (Eucaristia e Reconciliação) e a continuidade da formação cristã e da catequese em muito proverá ao aprofundamento dos mistérios celebrados e ao crescimento da vida cristã. Cada comunidade é chamada a encontrar meios adequados para favorecer a participação e integração dos neófitos na Igreja, tanto a nível paroquial como diocesano. Este tempo de festa e de ação de graças que termina no Pentecostes pode ser enriquecido pela referência aos neófitos na oração universal e nas homilias, com uma festa no fim do Tempo Pascal, pelo contacto com o Bispo diocesano e por uma relação mais fecunda com a comunidade cristã.

V - RECOMEÇAR O CAMINHO DA FÉ

A iniciação cristã, paradigma do caminho da fé

24. Os diversos momentos e etapas do caminho de iniciação à fé, propostos pelo Ritual de Iniciação Cristã dos Adultos, constituem o modelo inspirador do acompanhamento sucessivo dos processos crentes (cf. DGC 59). Do ponto de vista pastoral, este ritual constitui um instrumento precioso tanto na iniciação dos que aderem pela primeira vez a Jesus Cristo ou redescobrem a fé, como na catequização dos que desejam completar a sua iniciação cristã, ou dos que visam alcançar uma fé mais amadurecida, consciente e livre. Devido à grande diversidade de situações que vivem aqueles que procuram a Igreja, as etapas do catecumenado batismal apresentam-se como fonte basilar dos itinerários catequéticos¹⁸:

a) *O interesse pelo Evangelho.* São muitas e diversas as razões pelas quais alguém mostra um interesse pelo Evangelho. As formas querigmáticas que o podem despertar tendem a assumir formas de diálogo e de acolhimento, de proposta e de desbloqueio de obstáculos que ofusquem a beleza da proposta cristã. Este primeiro movimento do espírito humano para a fé é já, em si mesmo, fruto da graça (cf. DGC 56).

b) *A conversão.* Para que o primeiro interesse pelo Evangelho se possa transformar numa opção fundamental para a vida é preciso um tempo de

¹⁸ Cf. DGC 56

procura e de crescimento. O dinamismo da conversão é inerente a toda a vida cristã, por isso, o confronto da vida com o Evangelho, das opções e escolhas pessoais com a proposta cristã, da análise dos comportamentos sociais e perspectivas filosóficas com a mensagem cristã, podem favorecer itinerários formativos que sustentem a vida dos discípulos de Cristo, fortaleçam a sua vontade de caminhar sempre mais no seu seguimento e os torne ativos na transformação e aperfeiçoamento do mundo.

c) *A profissão de fé.* O dinamismo da fé está intrinsecamente relacionado com a conversão. Para que o discípulo de Cristo possa chegar a fazer uma viva, explícita e operante profissão da fé, ele tem de percorrer um caminho espiritual que o configure cada vez mais com a pessoa de Jesus Cristo. Para isso, é também fundamental uma iniciação em toda a vida cristã à qual são implícitos o conhecimento da fé, a educação litúrgica, a experiência da oração pessoal e comunitária, a formação moral, a educação para a vida comunitária e a experiência da missão.

d) *O caminho rumo à perfeição.* A profissão de fé e a conversão constituem elementos essenciais da existência cristã que é chamada a crescer rumo à maturidade. O desejo de perfeição e a busca da medida alta da santidade pressupõem um caminho conjunto de crescimento humano e teologal (fé/esperança/caridade) que garanta ao crente a «forma» de Cristo. Todas as dimensões da vida cristã devem ser assumidas, potenciadas e comprovadas por experiências fortes, advindas da própria existência ou proporcionadas pelo dinamismo próprio da fé.

Estas etapas do caminho da fé são iluminadas por dois elementos basilares a todo o processo da fé: o encontro com Jesus Cristo, considerado como finalidade última e dinamismo renovador da fé cristã, e a vivência comunitária da fé, manifestada tanto nos grupos de acompanhamento, como na celebração da fé e na edificação da Igreja pelo testemunho.

Para completar a iniciação cristã

25. O capítulo IV do Ritual da Iniciação Cristã dos Adultos oferece preciosas indicações pastorais para o acompanhamento do caminho de fé dos jovens e adultos «que, batizados em criança, não receberam depois catequese nem, por consequência, foram admitidos à Confirmação e à Eucaristia» (RICA 295). Trata-se de «adultos que, embora batizados, não foram adequadamente catequizados ou não levaram a termo o caminho da iniciação cristã, ou se distanciaram da fé, tanto que podem até mesmo ser chamados *quase catecúmenos*» (DGC 172). Aqueles que desejam completar a iniciação cristã e se propõem a uma relação renovada com a comunidade eclesial são convidados a percorrer um caminho de inspiração catecumenal articulado em tempos ritmados por etapas rituais e sustentado pelo acompanhamento da comunidade cristã. Neste caminho, «a fé neles infundida no Batismo, deve crescer, atingir

a maturidade e imprimir-se neles através da formação pastoral que lhes é dada» (RICA 296).

O caminho da iniciação tem como ponto de referência o sacramento da Eucaristia. De facto, «somos batizados e crismados em ordem à Eucaristia. Este dado implica o compromisso de favorecer na ação pastoral uma compreensão mais unitária do percurso de iniciação cristã. O sacramento do Batismo, pelo qual somos configurados a Cristo, incorporados na Igreja e feitos filhos de Deus, constitui a porta de acesso a todos os sacramentos; através dele, somos inseridos no único corpo de Cristo (1 Cor 12, 13), povo sacerdotal. Mas é a participação no sacrifício eucarístico que aperfeiçoa, em nós, o que recebemos no Batismo. Também os dons do Espírito são concedidos para a edificação do corpo de Cristo (1 Cor 12) e o crescimento do testemunho evangélico no mundo. Portanto, a santíssima Eucaristia leva à plenitude a iniciação cristã e coloca-se como centro e termo de toda a vida sacramental» (SC 17). A preparação destes adultos requer um tempo prolongado de catequização semelhante à dos catecúmenos, tanto nos temas como no itinerário. Assim, podem-se distinguir etapas diversas de um único caminho de reiniciação cristã: a) acolhimento e decisão; b) conversão e discipulado; c) oração e reconciliação; d) presença na comunidade e testemunho.

O tempo do acolhimento e da decisão

26. O tempo do acolhimento e da decisão inscreve-se no primeiro momento da evangelização, onde é detetado um interesse explícito pelo Evangelho ou a Igreja o desperta. É um tempo variável e diversificado onde as pessoas são ajudadas, através de um diálogo sincero, a avaliar as motivações e as razões mediante as quais se propõem a percorrer o caminho da fé. É neste tempo, também, que se deve proceder a um conhecimento da história pessoal de cada um, da sua situação de vida e da sua relação com a Igreja, de modo que se lhe proponha a boa nova de forma adequada. A evangelização própria deste tempo centra-se no anúncio de Jesus morto e ressuscitado, salvador da humanidade e nos aspetos fundamentais da mensagem cristã.

Depois do tempo do acolhimento e da decisão em prosseguir neste caminho, é oportuno fazer-se um rito de acolhimento e de bênção dos candidatos aos sacramentos de iniciação. Este é um rito mediante o qual estes adultos se reconhecem como membros da comunidade cristã, visto que já fazem parte dela pelo Batismo. A própria comunidade não só fica a conhecê-los, como se compromete a rezar por eles e a acompanhá-los (cf. RICA 300). Dependendo dos casos, este rito pode acontecer no início do advento ou da quaresma.

O tempo da conversão e do discipulado

27. O tempo da conversão e do discipulado corresponde a um período de catequização mais intensa e estruturada, composto por catequeses, celebrações da Palavra e outras ações litúrgicas e convívio com a comunidade

dos fiéis, mediante os quais se procura «robustecer a vida cristã» (cf. RICA 296). Este é o tempo propício para uma escuta assídua da Palavra de Deus, da apresentação e conhecimento da mensagem cristã, de uma transformação da vida na resposta de fé à voz de Deus, de uma experiência litúrgica e celebrativa mais intensa, de uma integração experiencial na vida da Igreja e de uma transformação da vida. Esta etapa constitui o momento propício para um encontro vivo com Jesus Cristo e com a Igreja de modo que os candidatos adquiram um estilo de vida evangélico e a sua vida ganhe um «novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo»¹⁹.

Para significar a ação de Deus nesta preparação, o ritual de iniciação cristã dos adultos sublinha a oportunidade de utilizar «alguns ritos próprios do catecumenado, que melhor respondam à situação e à necessidade espiritual destes adultos, como são as tradições do Símbolo, da Oração dominical e até dos Evangelhos» (RIC 302) ou, mais especificamente, de toda a Bíblia.

Na lógica da *traditio-reditio*, o candidato confirma a profissão da sua fé como sinal de uma adesão a Cristo e à Igreja, comprometendo-se a viver como filho de Deus. As entregas podem ser feitas no início ou na conclusão da catequese sistemática.

O tempo da oração e da reconciliação

28. Este é um tempo de cariz penitencial que, seguindo o ritmo do ano litúrgico, deverá coincidir com a quaresma que precede a celebração dos sacramentos. Procura-se que pela «oração mais intensa e pela caridade mais diligente» (MR) se comprovem os frutos da conversão ao Evangelho e a reconciliação com Deus. Se a propósito das catequese dos tempos prévios se aludiu à necessidade de conversão e se procurou criar nos candidatos aos sacramentos um espírito de autêntica penitência, este tempo exemplifica essas atitudes mediante a ascese, a renúncia, a caridade e a celebração do sacramento da Reconciliação. Tudo isto implica um constante exame de vida, proposto neste tempo como exercício de discernimento da própria existência. «No sacramento do Perdão, Deus mostra o caminho da conversão a Ele e convida a experimentar de novo a sua proximidade. É um perdão que pode ser obtido, começando antes de mais nada por *viver a caridade*. Assim no-lo recorda o apóstolo Pedro, quando escreve que *o amor cobre a multidão dos pecados* (1 Ped 4, 8). Só Deus perdoa os pecados, mas também nos pede que estejamos prontos a perdoar aos outros, como Ele nos perdoa a nós: *Perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido* (Mt 6, 12). Como é triste quando ficamos fechados em nós mesmos, incapazes de perdoar! Prevalecem o ressentimento, a ira, a vingança, tornando a vida infeliz e frustrando o jubiloso compromisso pela misericórdia»²⁰.

¹⁹ PAPA BENTO XVI, *Carta Encíclica (Deus caritas est)*, Lisboa, Paulinas, 2006, nº 1.

²⁰ PAPA FRANCISCO, *Carta apostólica do Jubileu extraordinário da Misericórdia (Misericordia et Misera)*, Lisboa, Paulinas, 2016, nº 8.

O tempo da presença na comunidade e testemunho

29. Elemento fundamental da celebração dos sacramentos de iniciação é a profissão de fé no seio da comunidade cristã. É de suma importância valorizar este momento, dotando-o de cariz existencial, seja no contexto da celebração da Confirmação, segundo a fórmula batismal, seja na redição do Símbolo da fé. Toda a profissão de fé se faz em ordem a uma participação mais plena na comunidade cristã e a um testemunho de vida mais coerente e convicto. A comunidade constitui o ambiente onde se faz o caminho preparatório dos sacramentos e onde se vive de pleno direito depois da sua celebração. A vida cristã alcança o seu cume na celebração da Eucaristia, celebrada e participada ao Domingo, dia do Senhor e ponto alto da vida cristã. Os adultos que comungam pela primeira vez e aqueles que o fazem depois de longos anos de ausência, devem ser instruídos não só sobre o sentido teológico e litúrgico deste sacramento, mas também sobre a sua importância na vida cristã. Para isso será importante a oração diante do Santíssimo Sacramento e a recordação de que não se pode ser cristão sem a Eucaristia. Neste contexto será de toda a utilidade a valorização do tempo da mistagogia vivida por estes adultos, se possível, em conjunto com os neófitos (cf. RICA 305).

A participação na vida da comunidade acontece, também, pelo envolvimento em serviços específicos, tanto litúrgicos, como no serviço ao anúncio do Evangelho, como na prática da caridade. O testemunho de vida no mundo, nos mais diversos âmbitos (familiar, profissional e social), deverá ser acompanhado e potenciado pelo empenho da comunidade cristã à qual compete uma catequese permanente dos seus membros.

VI - APROFUNDAR O CAMINHO DA FÉ

Uma prioridade pastoral

30. A renovação pastoral desenvolvida na esteira do Concílio Vaticano II fez da catequese de adultos uma das suas prioridades. A catequese de adultos é entendida atualmente como «a principal forma de catequese»²¹. Embora não tendo abordado diretamente a temática, o Concílio Vaticano II constitui um momento de particular importância para a catequese de adultos. Refere-se à necessidade de se garantir a adequada instrução catequética aos adultos e à urgência de se recuperar o catecumenado batismal²². De entre os principais documentos da Igreja universal que destacam a importância da catequese de

²¹ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Directório Geral da Catequese*, Lisboa, Secretariado Nacional de Educação Cristã, 1998, 59.

²² CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Constituição Dogmática (Sacrosanctum Concilium)*, in *Concílio Ecuménico Vaticano II: constituições, decretos, declarações e documentos pontifícios*, Braga, Editorial Apostolado da Oração, 1992: 64.

adultos salientam-se os seguintes: O Diretório Catequístico Geral (1971), o Ritual da Iniciação Cristã dos Adultos (1972), o Sínodo sobre a catequese (1977), a exortação apostólica pós-sinodal *Catechesi Tradendae* (1979), o Diretório Geral da Catequese (1997).

Também em Portugal se caminhou no sentido de se valorizar a catequese de adultos. A Conferência Episcopal Portuguesa escreveu uma série de documentos que reforçam a importância e urgência da formação cristã dos adultos: *Os sacramentos da Iniciação Cristã* (1982), *Carta Pastoral sobre a renovação da Igreja em Portugal na fidelidade às orientações do Concílio e às exigências do nosso tempo* (1984), *Nota Pastoral sobre o Congresso Nacional dos Leigos* (1988), *Carta Pastoral: Os cristãos leigos na comunhão e missão da Igreja em Portugal* (1989), *A catequese de adultos na comunidade cristã. Linhas e orientações* (1991), *Instrução Pastoral sobre a formação cristã de base dos adultos* (1994), *Instrução sobre o Catecismo da Igreja Católica* (1994), *Para que acreditem e tenham Vida. Orientações para a catequese atual* (2005) e *Catequese: a alegria do encontro com Jesus Cristo* (2017). Na generalidade, subjaz a todos estes documentos a convicção de que a catequese de adultos constitui uma das prioridades da ação pastoral da Igreja, facto evidenciado também pelos efeitos do secularismo e da erosão da paisagem religiosa tradicional, e pela necessidade de se passar de uma pastoral de conservação a uma pastoral evangelizadora e missionária.

Crítérios inspiradores e tarefas da catequese de adultos

31. O Diretório Geral da Catequese elenca um conjunto de critérios que visam assegurar a especificidade e eficácia da catequese de adultos que se passam a enumerar:

- «a atenção aos destinatários na sua situação de adultos, como homens e como mulheres, cuidando, portanto, dos seus problemas e experiências, dos recursos espirituais e culturais, em pleno respeito pelas diferenças;
- a atenção à condição leiga dos adultos, aos quais o Batismo confere a possibilidade de *procurar o Reino de Deus, exercendo funções temporais e ordenando-as segundo Deus* e ao mesmo tempo os chama à santidade;
- a atenção ao envolvimento da comunidade, para que seja lugar de acolhimento e de apoio do adulto;
- a atenção a um projeto orgânico de pastoral dos adultos, no qual a catequese se integre com a formação litúrgica e com o serviço da caridade» (DGC 174).

A catequese de adultos é chamada a propor a fé cristã na sua integridade, articulando de forma particular a mensagem cristã com as problemáticas específicas da vida adulta nas suas diversas etapas. Com base nestes critérios inspiradores, o Diretório apresenta, em complemento às tarefas essenciais da catequese, um conjunto de tarefas específicas da catequese de adultos:

« - *Promover a formação e o amadurecimento da vida no Espírito de Cristo ressuscitado* através de meios adequados: pedagogia sacramental, retiros, direcção espiritual...

- *Educar para a justa avaliação das transformações socioculturais na nossa sociedade à luz da fé.* Dessa maneira, o povo cristão é ajudado a discernir os verdadeiros valores e também os perigos da nossa civilização, e a assumir as atitudes convenientes.

- *Esclarecer as atuais questões religiosas e morais*, ou seja, aquelas questões que se apresentam aos homens do nosso tempo, como, por exemplo, as relativas à moral pública e individual, às questões sociais, à educação das novas gerações.

- *Esclarecer as relações existentes entre a acção temporal e a acção eclesial*, mostrando as mútuas distinções, implicações e, portanto, a medida da devida interacção. Com este objetivo, a doutrina social da Igreja é parte integrante da formação dos adultos.

- *Desenvolver os fundamentos racionais da fé.* A reta compreensão da fé e das verdades a acreditar estão em conformidade com as exigências da razão humana e o Evangelho é sempre atual e pertinente. É necessário, por isso, promover eficazmente uma pastoral do pensamento e da cultura cristã. O que permitirá superar certas formas de integrismo e de fundamentalismo, assim como uma interpretação arbitrária e subjetiva.

- *Formar para a assunção de responsabilidades na missão da Igreja e a saber dar um testemunho cristão na sociedade»* (DGC 175).

Com base nestes critérios inspiradores e nas tarefas essenciais da catequese de adultos é possível construir itinerários tão diversificados como as realidades humanas e eclesiais que compõem a vida adulta.

Propor percursos diferenciados

32. A Constituição Sinodal de Lisboa refere como grave preocupação pastoral «o facto de que muitos não permaneçam num caminho de amadurecimento da fé depois da celebração dos sacramentos de iniciação» (CSL 40). Neste sentido, as paróquias devem dispor de propostas diversificadas de acompanhamento na fé dos cristãos já iniciados que caminham na direcção de uma fé adulta. Para os ainda numerosos batizados que completaram a sua iniciação cristã, mas não estão verdadeiramente evangelizados, as comunidades são chamadas a promover itinerários de primeiro anúncio e de reiniciação cristã, com base nas indicações pastorais presentes no ritual de iniciação cristã dos adultos. Para os adultos que desejam progredir no caminho de aprofundamento da fé rumo a uma fé adulta e madura, as comunidades são chamadas a promover itinerários de crescimento da vida da fé como aqueles que se realizam com a catequese de toda a comunidade, com a catequese litúrgica, com a *lectio divina* e os grupos bíblicos e como aqueles que se promovem nas diversas associações de fiéis e movimentos eclesiais.

Uma catequese de toda a comunidade

33. A relação entre catequese e comunidade é vista, segundo o Diretório Geral da Catequese, sob o prisma de uma múltipla influência e correlação. A comunidade é o lugar natural da catequese e esta constrói e edifica a comunidade. «Se, de fato, a catequese recebe a sua legitimidade e energia de toda a vida da Igreja, também é verdade que o crescimento interior da Igreja e a sua correspondência ao desígnio de Deus dependem da própria catequese» (DGC 10). A catequese da comunidade é, por isso, uma exigência inerente à existência da comunidade cristã. Ela pressupõe a criação de laços de pertença à comunidade que a tornem não apenas «a origem, o lugar e a meta da catequese» (DGC 254), mas, também, referência para o caminho de fé de cada pessoa: «A pedagogia catequética torna-se eficaz, à medida que a comunidade cristã se torna referência concreta e exemplar para o caminho de fé dos indivíduos. [...] A comunidade deve tornar-se lugar visível de testemunho de fé, deve cuidar da formação dos seus membros, deve acolhê-los como família de Deus, apresentando-se como o ambiente vital e permanente para o crescimento da fé» (DGC 158).

A catequese de toda a comunidade pressupõe um conjunto alargado de propostas catequéticas que visam uma abrangência global que se pode apoiar no ciclo de cada ano litúrgico, através do qual a comunidade pode contactar, ano após ano, com a história da salvação e de a atualizar no contexto em que vive. Neste contexto, adquire especial relevo a valorização dos tempos fortes da vida da comunidade, tais como peregrinações, retiros paroquiais, catequeses específicas e as demais expressões da piedade popular.

Pequenas comunidades animadas pela Palavra

34. As comunidades cristãs devem promover a constituição de grupos de aprofundamento da fé que sejam autênticas comunidades cristãs onde se viva a prática do amor fraterno, a experiência da oração, onde a vida seja fecundada pela Palavra de Deus e se inicie à experiência da missão e do serviço ao próximo. No centro da vida destes pequenos grupos está a Palavra de Deus, lida, meditada e rezada segundo o método da *lectio divina* e interpretada à luz da fé da Igreja. A *lectio divina* constitui uma «modalidade concreta para escutarmos aquilo que o Senhor nos quer dizer na sua Palavra e nos deixarmos transformar pelo Espírito» (EG 152). Ela «é verdadeiramente capaz não só de desvendar ao fiel o tesouro da Palavra de Deus, mas também de criar o encontro com Cristo, Palavra divina viva»²³. O papa Bento XVI, na Exortação apostólica *Verbum Domini* apresenta os seus passos fundamentais: «começa com a leitura (*lectio*) do texto, que suscita a interrogação sobre um autêntico conhecimento

²³ PAPA BENTO XVI, *Exortação Apostólica Pós-Sinodal (Verbum Domini)*, Lisboa, Paulinas, 2010, nº 87.

do seu conteúdo: *o que diz o texto bíblico em si?* [...] Segue-se depois a meditação (*meditatio*), durante a qual nos perguntamos: *que nos diz o texto bíblico?* Aqui cada um, pessoalmente, mas também como realidade comunitária, deve deixar-se sensibilizar e pôr em questão, porque não se trata de considerar palavras pronunciadas no passado, mas no presente. Sucessivamente chega-se ao momento da oração (*oratio*), que supõe a pergunta: *que dizemos ao Senhor, em resposta à sua Palavra?* A oração enquanto pedido, intercessão, ação de graças e louvor é o primeiro modo como a Palavra nos transforma. Finalmente, a *lectio divina* conclui-se com a contemplação (*contemplatio*), durante a qual assumimos como dom de Deus o seu próprio olhar, ao julgar a realidade, e interrogamo-nos: *qual é a conversão da mente, do coração e da vida que o Senhor nos pede?* [...] Há que recordar ainda que a *lectio divina* não está concluída, na sua dinâmica, enquanto não chegar à ação (*actio*), que impele a existência do fiel a doar-se aos outros na caridade» (VD 87).

A família, lugar privilegiado de catequese

35. A família constitui um lugar privilegiado da catequese de adultos no seio da comunidade cristã. Como «primeira igreja», «igreja doméstica» e «escola do evangelho» e dos valores humanos, a família manifesta de forma genuína o mistério da Igreja evangelizadora²⁴. A Igreja é chamada a promover uma catequese orgânica que acompanhe as luzes e sombras das famílias de hoje, através de um conjunto diversificado de propostas, das quais se destacam as seguintes:

- Propor aos namorados um itinerário adequado de iniciação cristã, bem como um processo catecumenal de preparação para o matrimónio, seguido de mistagogia do sacramento recebido;
- Favorecer o nascimento de grupos de esposos, com os quais se possa projetar e realizar itinerários de fé que promovam a autêntica espiritualidade conjugal;
- Catequizar os pais das crianças da catequese, mediante encontros regulares, e capacitá-los para o exercício da função de educadores da fé através, por exemplo, da promoção da catequese familiar;
- Fornecer aos pais uma formação baseada na Palavra de Deus que lhes permita responder aos desafios educativos com que são confrontados;
- Acompanhar, com solicitude maternal, as situações de maior fragilidade, seja nas diversas passagens da existência, seja nas situações de rutura ou até mesmo nos casos de carências económicas e educativas.

²⁴ Cf. PAPA FRANCISCO, *Exortação Apostólica Pós-Sinodal (Amoris Laetitia)*, Lisboa, Paulinas, 2016, nº 67.

O Catecismo da Igreja Católica e o magistério

36. O Catecismo da Igreja Católica constitui um subsídio precioso e indispensável onde todos podem chegar a um conhecimento sistemático da fé cristã. «Nele, de facto, sobressai a riqueza de doutrina que a Igreja acolheu, guardou e ofereceu durante os seus dois mil anos de história. Desde a Sagrada Escritura aos Padres da Igreja, desde os Mestres de teologia aos Santos que atravessaram os séculos, o *Catecismo* oferece uma memória permanente dos inúmeros modos em que a Igreja meditou sobre a fé e progrediu na doutrina para dar certeza aos crentes na sua vida de fé»²⁵. Na sua estrutura, o catecismo parte dos grandes temas da fé, à luz dos quais se pode interpretar a vida diária. No âmbito da catequese de adultos, o uso do catecismo deve ter em conta as condições e necessidades dos destinatários. Na elaboração dos itinerários e dos encontros, o momento de conhecimento da fé deve promover também o aprofundamento e atualização dos temas, a reflexão pessoal e partilha em grupo, a oração e a escuta da Palavra de Deus.

Na definição dos itinerários de catequese de adultos há que ter em conta a importância dos textos do magistério nos seus diversos níveis e temáticas. Estes textos constituem, muitas vezes, a forma de responder, de forma mais eficaz e direta, às necessidades de um grupo de adultos.

Os agentes da catequese de adultos

37. A catequese de adultos depende, em grande medida do empenho do pároco, da existência de catequistas competentes e da vida adulta da comunidade cristã. Ao pároco pertence a tarefa de coordenar e orientar a catequese de adultos, contribuindo, em primeiro lugar, para que a comunidade eclesial se redescubra como primeiro catequista e sujeito ativo da catequese. Neste contexto, tem a missão de despertar e acompanhar vocações para o serviço específico da catequese de adultos. O catequista de adultos é uma figura chave na catequese. Na sua formação deve incluir-se «o *próprio ser* do catequista, enquanto pessoa e cristão; o *saber* tanto da mensagem que transmite como do destinatário que a recebe; e o *saber fazer*, já que a catequese é um ato de comunicação. Mas, tratando-se de uma comunicação amorosa, de comunhão, a estes saberes juntem-se mais dois: o *saber estar em*, isto é, na comunidade cristã, que representa, e partilhando com os outros catequistas o trabalho, se possível, em equipa orientada por um catequista coordenador; e o *saber estar com*, isto é, relacionado no dia a dia de catequista com os catequizandos, para que a mensagem seja compreensível e próxima, desejável e credível» (CAEJ 32).

Não sendo unívoca e estando dependente, em grande medida, da função específica que exerce e das pessoas com quem trabalha, reconhecem-se alguns traços fundamentais da identidade do catequista de adultos:

²⁵ BENTO XVI, *Carta apostólica (Porta fidei)*, Prior Velho, Paulinas, 2012, nº 11.

- é um crente, adulto na fé, discípulo de Jesus Cristo e membro da Igreja, chamado a ajudar outros adultos a descobrir e a acolher a Palavra de Deus e a vivê-la na vida quotidiana;

- é um companheiro de viagem, consciente das suas próprias fragilidades e das dos outros; capaz de ir ao encontro das situações de vida dos adultos e a partir daí, na escuta e no acolhimento, anunciar o Evangelho e contribuir para a sua formação cristã;

- é uma testemunha de Cristo que vive uma significativa experiência de Deus, capaz de ler a Palavra de Deus na Bíblia, de a meditar, assimilar e rezar, para a anunciar de modo credível e significativo;

- é um mediador da Palavra de Deus, capaz de a anunciar, de interpretar a vida à sua luz (hermeneuta e profeta) e de fazer crescer nos adultos uma mentalidade sapiencial que lhes permita ver a vida à luz da palavra;

- é um animador, discreto e iluminante, que sabe promover e programar um itinerário de fé, global e sistemático de autoformação dos adultos em estreita relação com o seu mundo vital;

- é um construtor de comunhão, inserido vitalmente na comunidade eclesial, capaz de estabelecer pontes de fraternidade entre as pessoas do seu grupo, com outros grupos e movimentos, e com a comunidade paroquial.

A formação de um catequista de adultos segue, em geral, o plano de formação de catequistas em vigor na diocese, no qual se insere, especificamente, um módulo de catequese de adultos.

Lisboa, março de 2018

Siglas dos documentos da Igreja

- AG:** Conc. Ecum. Vaticano II, Decreto sobre a atividade missionária da Igreja *Ad Gentes*
- CaIC:** *Catecismo da Igreja Católica*
- CAEJ:** Catequese: A alegria do encontro com Jesus Cristo
- CSL:** *Constituição Sinodal de Lisboa*
- DGC:** *Diretório geral para a catequese*
- EG:** Exortação apostólica pós-sinodal *Evangelii Gaudium*
- EN:** Exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi*
- GS:** Conc. Ecum. Vaticano II, Const. past. sobre a Igreja no mundo contemp. *Gaudium et Spes*
- LF:** Carta encíclica *Lumen fidei*
- LG:** Conc. Ecum. Vaticano II Constituição dogmática sobre a Igreja *Lumen Gentium*
- MM:** Carta apostólica *Misericordia et misera*
- MR:** Missal Romano
- RICA:** *Ritual de iniciação cristã dos adultos*
- SC:** Conc. Ecum. Vaticano II, Constituição sobre a Sagrada Liturgia *Sacrosanctum Concilium*
- VD:** Exortação apostólica pós-sinodal *Verbum Domini*

Índice

Introdução.....	1
I - O ENCONTRO COM JESUS CRISTO: FONTE DE SENTIDO PARA A VIDA	1
O encontro com Jesus Cristo e a sede de Deus.....	1
Chamados a uma nova saída missionária.....	3
II - ESCUTAR A PESSOA E PROPOR FÉ	4
Uma Igreja que escuta.....	4
Os desafios da vida adulta	4
O convite à conversão	5
III - ANUNCIAR O EVANGELHO DA ALEGRIA.....	6
A Igreja anuncia o Evangelho da alegria	6
A força evangelizadora do primeiro anúncio	6
Um anúncio que visa a fé em Jesus Cristo	8
IV - INICIAR O CAMINHO DA FÉ.....	9
O dinamismo da fé cristã.....	9
A iniciação cristã dos adultos.....	9
As etapas do catecumenado	10
O tempo da evangelização e do pré-catecumenado.....	11
A admissão ao catecumenado	11
O tempo do catecumenado	12
A eleição e inscrição do nome	14
O tempo da purificação e da iluminação.....	14
Os sacramentos de iniciação.....	15
O tempo da mistagogia	16
V - RECOMEÇAR O CAMINHO DA FÉ.....	16
A iniciação cristã, paradigma do caminho da fé	16
Para completar a iniciação cristã	17
O tempo do acolhimento e da decisão	18
O tempo da conversão e do discipulado.....	18
O tempo da oração e da reconciliação	19
O tempo da presença na comunidade e testemunho.....	20
VI - APROFUNDAR O CAMINHO DA FÉ	20
Uma prioridade pastoral.....	20
Critérios inspiradores e tarefas da catequese de adultos	21
Propor percursos diferenciados.....	22
Uma catequese de toda a comunidade.....	23
Pequenas comunidades animadas pela Palavra	23
A família, lugar privilegiado de catequese	24
O Catecismo da Igreja Católica e o magistério.....	25
Os agentes da catequese de adultos.....	25
Siglas dos documentos da Igreja	27